

Acervo
ISA CEDI - P. I. B.

DATA 17/11/92

COD. KID 00028

"CEL: TUT-POMBO: A MORTE DE UM LIDER KAYAPÓ"

1. A última aparição na televisão do Cel. Tut-Pombo Kayapó, foi por ocasião do caso "Payakan". Voltando da Eco 92 - Rio de Janeiro - parou na cidade de Redenção (PA), para dar o seu apoio ao "jovem e famoso líder de A'ukre"; e para mostrar, enfim, que ainda contava muito dentro do povo-sociedade kayapó. Mas na verdade a sua estrela, se ainda não tinha se apagado, brilhava bem pouco, vistas as dificuldades enfrentadas pelo seu povo de Kikretum-Djudjetykti (falta de recursos, doenças e mortes sobretudo de crianças, descontentamento generalizado).

Mas a morte, improvisa e inesperada, foi suficiente para "re-ativar" certa luz ao redor de sua pessoa. Como era para imaginar, tendo falecido no hospital de Serra dos Carajás (CVDR), para onde tinha sido urgentemente levado devido à gravidade do derrame cerebral, o povo pensa que foi o "remédio do branco" que o matou. "O Kuben-branco tinha muitas razões para fazer isso". Na opinião dos kayapó a morte do Cel. Tut-Pombo foi decretada nos garimpos do Rio Branco, onde ele estava cobrando, como nos últimos tempos fazia pessoalmente, a porcentagem do ouro explorado.

Tut-Pombo foi uma personalidade complexa, enigmática, muitas vezes contraditória, constantemente presa e sem a capacidade de se livrar da "alma Indígena kayapó", de um lado, e da "alma de branco" do outro lado.

2. "Quem foi enterrado, no dia 12 de agosto de 1992?"

No esforço de honrar o pai, com um enterro à altura da personalidade, os filhos destacaram da ^{quebra do} dúplice alma de Tut-Pombo "CORONEL". Na cova, com o corpo, foi depositada toda a sua roupa de branco; o esquife foi envolto na bandeira do Brasil, o casaco e o chapéu militares depositados no mesmo, queriam dizer o seu estatus... Não uma pena de arara, um grão de missanga, nada de pintura corporal. "NGAP-colar", "PADJÉ-braçadeiras" e "MEAKA-cocar" os tradicionais ornamentos masculinos kayapó não o acompanharam, neste que foi o último grande gesto, a despedida do Pombo do seu povo. Ele foi muito chorado: quando a notícia de sua enfermidade e morte chegou na aldeia, fez levantar altos gritos de dor. Muitas mulheres praticaram os cortes rituais na cabeça com os facões, numa explosão coletiva de sentimentos de luto kayapó, mas a final é realmente difícil dizer se, quem morreu era TUT/KAYAPÓ, ou o CEL.POMBO.

3. Breves anotações sobre sua vida (Histórico).

A existência do Pombo correu constantemente nos dois trilhos paralelos: índio kayapó por nascimento e "branco" por uma instintiva inclinação. Pulou constantemente de um trilho para o outro segundo as conveniências e as circunstâncias. Este foi sempre o problema dele, porque a sociedade brasileira sempre o considerou índio e em vida sempre foi índio kayapó pelo seu povo.

Do grande grupo GOROTIRE ele foi o líder da facção DJUDJETYKTI-grande arco preto. Ficou orfão ^{seus pais foram} que tinha sete anos de idade, contando ele, por causa dos brancos. Mas não se sabe se massacrados pelos rifles calibre 44 ou pelas doenças. Dom Sebastião Tomas, bispo de Conceição do Araguaia deu o menino para o casal de seringueiros (Servindo Pereira Silva e Isabel Pereiro da Costa), moradores do Rio Branco afluente do Rio Fresco. Era ano de 1932. Com 15 anos de idade Pombo trabalha na extração da castanha à serviço do patrão

Ivão Furtado, cidadão de São Felix do Xingu. Os castanhais estão na área do igarapé Trairão, outro afluente do Rio Fresco. É lá que os Kayapõ Kubenkrãkenh atacam matando cinco civilizados e levam Pombo com eles. Passa sã um ano com o núcleo familiar do índio Kukwykabêr e foge: Volta para o Rio Fresco, na localidade Sobrera onde agentes do S.P.I. fazem dele um ótimo informante e ajudante na atração dos Kubenkrãkenh (era sertanista Pedro Silva), e dos Mekrãnotire (era sertanista Francisco Meirelles). Eram os anos de 1947-1953. Prêmio para os serviços prestados, Pombo é colocado ao lado das novas lideranças de Gorotire Kanhõk e Tõtõ'i com o título de "beniadjõre", "capitão", como o S.P.I. gostará "brasilianizar" as lideranças indígenas.

Na disputa pela supremacia do poder em Gorotire, em 1975, o grupo do Pombo perde pelos outros. Pombo foge para Kubenkrãkenh e de lá em 1976 desce o Rio Fresco se instalando no lugarejo conhecido como Nova Olinda, desalojando as poucas famílias de seringueiros brancos. O lugar se torna o Posto Indígena Kikretum.

Até 1982 foram anos difíceis para Pombo e o seu grupo. Mas é exatamente nesta época que a vida dos Kayapõ de Kikretum, aliás de toda a reserva kayapõ do médio Xingu-Rio Fresco, toma um rumo impensado até aquele momento. São descobertas grandes jazidas de ouro e o mato tem uma reserva riquíssima de madeira de mogno. De 1982 até 1992 já é história recente, conhecida. Foram dez anos de autêntica frenesi na aldeia de Kikretum tendo em Pombo o "pivô" do processo super acelerado de contato-choque com a sociedade brasileira. De um lado ha uma massa de garimpeiros, uns atrevidos madeireiros, muitos comerciantes, médicos donos de clínicas particulares... e do outro lado cerca de 350 kayapõ com pouco contato com o branco mergulhando num imprevisto quanto ainda desconhecido mar de bens de consumo.

Neste ambiente emerge o Cel. Tut-Pombo, definido pela imprensa "uns dos homens mais ricos do Brasil, ou quanto menos dos índios. Foi um período de fartura para os Kayapõ de Kikretum, mas não foi feliz. Ninguém se enriqueceu e esbanjou riqueza, se se exclua o Pombo e seus filhos. Ainda neste ano seis crianças morreram por falta de "recursos" (os índios não tinham como pagar o tratamento médico), e a comunidade passou fome... Como se não bastasse o Rio Fresco ficou bem cedo totalmente poluído com um alto nível de presença de mercúrio, e o mato agredido em várias partes pelos tratores das várias madeiras que saqueavam a região.

Na madrugada do dia 1 de agosto de 1992, com o falecimento do Cel Tut-Pombo, uma nova época começava, porque será irripetível uma presença como aquela do "CORONEL".

4. "A Herança" do Cel Tut-Pombo Kayapõ.

Pombo sem dúvida foi "alguém" importante para a nação kayapõ, especialmente nestes últimos dez anos. Tinha notáveis qualidades de líder dentro e fora da própria aldeia, mas nunca mereceu uma total e incondicionada confiança das demais lideranças (confiança que goza o outro líder kayapõ, conhecido internacionalmente, ROPNI), e muito menos dos não índios, que porêm se aproveitaram bastante das suas ingenuidades e sobretudo vaidade.

Para ter uma ideia quem foi o Pombo é sã escutar um dos muitos comentários nos dias posteriores ao seu enterro. O índio PERETI, que mais de uma vez acompanhou o Pombo nas suas viagens, inclusive para a ECO 92, sonhou com o "coronel", que juntamente aos parentes de Gorotire, A'ukre e Kokraimõro conseguia desbaratar a Polícia Federal na sua tentativa de ocupar o território kayapõ (Isso foi ventilado por ocasião do caso Payakan). Para muitos kayapõ de Kikretum-Diudiãtvkti Pombo não morreu completamente não. está andando por aí

se vingar dos brancos.

Mas já um dos seus sucessores, o filho NHITI, é da opinião que agora não é mais o tempo de chorar, é para esquecer o passado ^{passado} aquele ^{que viu o pai comprometido e infelizmente enganado, com o mundo dos brancos causando enormes prejuízos. Agora é para realizar a festa de nomeação do Tākāk-Nhāk e depois, logo a seguir, a assembleia das lideranças kayapō em Kikretum, ^{para o reconhecimento das novas lideranças.}}

Exactamente uma semana depois do enterro do Pombo, NHITI e PITU, dois ~~dos~~ ^{atidos como caciques} dos seis filhos ~~do Pombo~~ seriam confirmados sucessores dele "BENIADJÖRE" de Kikretum-Djudjetykti.

O povo, depois do luto, vive uma sensação de alívio; parece que finalmente passou o pesadelo de um dispotismo, que nos últimos tempos, estava escancarando os alicerces da vida tradicional kayapō. Atrás do Pombo, havia, há cerca de oito anos, uma mulher apelidada de "Nenē" (Antonia Oliveira, maranhense), cordialmente odiada por todo mundo. A morte do Pombo significou finalmente "a morte" dela também.

Para os demais kayapō das doze aldeias e dos Xikrin do Katetē e Pakadjā, a morte do Pombo, significa o silenciamento de uma voz importante, de peso dentro da nação kayapō especialmente no contexto político (indígena) nacional. Sua presença era quase sempre marcante, amíde determinante, quer nas assembleias kayapō, quer no relacionamento com a FUNAI. Pelo fato de ter dado parte dos "recursos" provindo da venda da madeira e da exploração dos garimpos do Rio Branco, sobretudo nos anos 1982 até 1987 ^{praticamente} aos parentes das outras aldeias, fez dele um homem respeitado, considerado rico e magnânimo. Na sua mente porém gigantejava a ideia de ele ser o primeiro, fazendo questão de demonstra-lo esbanjando riqueza especialmente em Gorotire, onde tinha sido derrotado e expulso.

5. Pombo morreu, mas o povo kayapō continua "vivo".

No momento do enterro não estava ninguém "importante" da FUNAI, a não ser os dois funcionários empregados na aldeia. Da cidade de Tucumã, que por muito tempo viveu se aproveitando da riqueza kayapō, que viu madeiros, garimpeiros, comerciantes disputando entre si a "amizade" do Cel. Tut-Pombo, nenhum desses amigos apareceu.... Nem a TV, reporteres e jornalistas, tão numerosos, bajuladores para conseguir suas reportagens em tempos ainda bem próximos, pisaram na aldeia, emudeceram; não porque os Kayapō não quisessem sua presença, mas sō porque o Pombo tinha finalmente agido "normalmente", isto é "tinha morrido".

Mais uma vez o povo kayapō percebeu o drama de ser "índio", ser "diferente", ser "explorado". A sociedade brasileira não quer entender, menos ainda aceitar e dialogar com o mundo indígena. Isso foi percebido e serve de lição... A morte do Pombo, talvez seja finalmente o começo de uma reflexão coletiva e signifique o despertar de uma nova consciência indígena kayapō: a salvação e o futuro kayapō tem que sair de dentro da nação kayapō e não de fora.

Mais como nunca participei de uma festa de nomeação kayapō tão bem sucedida, como aquela que se encerrou tres dias apōs o enterro do Pombo. Aliās, contrariamente āquilo que eu podia imaginar, isto é o adiantamento da conclusō da festa Tākāk-Nhāk, por causa do falecimento do Pombo, seu encerramento se deu ^{do} tres dias depois ~~do~~ do enterro. Foi um ato sublime de fē na vida, na autēntica vida kayapō.

Se tanto difícil foi viver em Kikretum-Djudjētykti nestes últimos anos, não sō pela conjuntura kayapō (choque cultural devido ao ingresso desordenado e incontrolado do mundo, especialmente econômico, da sociedade brasileira), mas também pela própria personalidade do Pombo, a partir de sua morte, se percebeu, no povo que ficou, um claro e latente desejo de VIVER, continuar a SER e VIVER como povo Kayapō.

A morte inesperadamente teve o poder de devolver ao povo kayapō "TuT -Te" "BENIADJŪ RE MEBENGŌKRE" (Pombo, cacique kayapō).

Kikretum-Djudjētykti, 17/08/1992

Renato Trevisan